

PRECISO DE UM TÍTULO, MAS SÃO 04h13min

atravessamentos da maternidade em uma autora de teatro

Pamela Fogaça Lopes¹

Resumo

Durante a disciplina Desenho do Corpo, o Corpo que Desenha, do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), fomos instigadas a elaborar uma produção artística sobre o Corpo. Minha colega Alice Braz e eu criamos um registro áudio visual intitulado CORPOMÃE, que teve como impulso os entrelaçamentos entre a maternidade, a academia e nossas atuações enquanto artistas. Exercito nestas páginas uma escrita afetiva que me faz levantar as emergências anteriores a este processo, que me levaram a questionar os atravessamentos deste corpo que gerou, que cria uma criança, uma pesquisa e em teatro.

Palavras-chave: autoria feminina, treinamento da atriz, maternar.

Abstract

During the Body Drawing, The Body That Draws, of the master's program in Visual Arts at the Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), we were incited to create an artistic production about the Body. My colleague Alice Braz and I made an audio-visual record entitled CORPOMÃE (MOTHERBODY), which had as an impulse the interlacings between motherhood, the academy and our performances as artists. I exercise on these pages an affective writing that makes me bring up emergencies prior to this process, and that led me to question the crossings of this body that generates and creates a child, a research, and in theater.

Keywords: Female author, actress' training, mothering.

De onde vem esse desejo de desvela-se?

Uma imagem. A mulher segura uma criança em seus braços, o bebê deve ter uns 3 meses e ela, que imagino ser sua mãe, uns 25 anos. Penso que a mulher é a mãe da criança porque sua blusa está um pouco aberta. Parece que ela vai levar o bebê ao seio para amamentá-lo. Há algo em sua expressão, seus cabelos presos, suas mãos que pousam tranquilas e seguras e seu olhar carinhoso sobre o bebê, que automaticamente reconheço como "maternal". Sinto-me dentro deste quarto onde as texturas são macias e quentinhas e o tempo está um pouco ralentado, como se todos os gestos fossem cuidadosos para respeitar o silêncio. Não posso parar de me projetar neste cenário, de imaginar meu rosto no rosto desta mulher.

Acabo de descrever minhas percepções sobre a pintura *Young Mother*, do artista impressionista francês Pierre Renoir. Tentei recordar meus pensamentos, durante a gravidez, enquanto via esta representação exposta em um pôster pendurado no consultório de minha obstetra, esta imagem e outras foram surgindo em minha memória enquanto eu aguardava o atendimento: Porque eu presumo que ela é a mãe da criança? Porque reconheço as características que o quadro apresenta como maternas? E no agora: A tal "mulher" tem algum ofício? E se ela fosse professora? E se fosse atriz? E se fosse professora e atriz como eu? Onde vão parar todos os meus movimentos naquele gesto contido e atento que é a amamentação? Onde estão as estudantes mães e seus filhos? As atrizes mães? Quem são as artistas mães? Não conheço. Ou pelo menos, a atuação de uma profissional nestas áreas nunca tinha me chamado a atenção tendo como característica a maternidade, isso era uma informação vaga, até descolada do que se produzia. Quando essa informação chegava até mim, ela era carregada de um caráter de dificuldade, até mesmo de impossibilidade de atuação, muito diferente do pôster do Renoir ou de todas as imagens de benção, tranquilidade, ternura, que começavam a me bombardear. Para as professoras que conheço, por exemplo, ser mãe só aumentou as demandas, somaram-se os trabalhos domésticos aos profissionais. Neste sentido, também tive colegas que largaram os estudos e sei de atrizes que tiveram que deixar a profissão.

Esse escrito é um exercício inspirado na ideia de cartografia², construo o texto com afetos e imagens, tentando deixar, para além das palavras, registros sobre algumas das mudanças desde que eu disse na frente do espelho: - *estou grávida* e fiz um teste de farmácia, depois outro, e um exame de sangue para confirmar. E mesmo demorando um bom tempo para aceitar o que estava acontecendo, desejei e quis.

Neste período eu cursava o último semestre de Licenciatura em Teatro, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Ia começar o meu projeto de conclusão de curso que se principiava sobre o trabalho vocal com um grupo de atrizes em uma cena na rua. Gestar atravessou este processo e tudo o que eu fazia, foi no acolhimento dessas mulheres³ que pude encontrar para além da voz como vocalidade, *um lugar para se ter voz*, para pensar na criação pelo corpo feminino, em coletivo e em contato com a rua. Como propositora, busquei um sentir apurado em relação ao *Treinamento da Atriz*⁴

2 A cartografia é um método formulado por G. Deleuze e F. Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. (KASTRUP, 2007, p. 15)

3 As artistas: Fernanda Stürmer, Larissa Canelhas, Luana Camila Marasca, Naiara Banto, Nathalia Barp, Rafaela Giacomelli, também minha orientadora Tatiana Cardoso e minha mãe, Leda Maria da Silva Fogaça.

4 Treinamento da Atriz, termo de Júlia Varley, atriz do Odin Teatret.

¹ Atuadora e professora. Licenciada em Teatro pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2017), com investigação acerca da voz, dramaturgia própria, criação em coletivo e práticas cênicas de rua.



e escolhi trazer para a construção um *mito que guiará*⁵ a cena: os acontecimentos do meu corpo de mulher, durante aqueles 5 meses de gestação, preparando-se para receber uma criança. Levei para a cena, de nome *Encantações*, uma figura Mãe-Guerreira, busquei nesta personagem e na dramaturgia, uma possibilidade de acesso para forças que nos coloquem ativas em nossas escolhas, atuantes sobre nossos corpos, neste processo que é gerar e parir uma criança. Amalgamando vida e arte esta mulher buscava enfrentar seus medos, sentir seu corpo, aceita-lo, amá-lo em seus movimentos, mutar, descobrir, estar para aquelas passagens. A foto anterior é do ato deste exercício, em uma cena onde a guerreira descobre a sua barriga e mostra-a ao público revelando estar grávida, sua entrega e coragem, de assumir que está gerando uma vida em meio ao caos, ao dilúvio e a morte. Essa cena leva ao público uma atriz grávida, à academia uma estudante grávida e aos participantes de *Encantações* uma figura grávida.

Escolho usar o termo *Treinamento da Atriz*, usado por Júlia Varley⁶ em seu livro *Pedras D'água – Bloco de Notas de uma Atriz do Odin Teatret*, tencionando o geralmente usado *Treinamento do Ator*. Já faz algum tempo que me encontrei com este livro, e foi a partir dele que comecei a me questionar sobre este ofício, dominado por uma teoria escrita por homens, grandes nomes da encenação e diretores. A partir das provocações de Varley, escrevo este texto em primeira pessoa e escuto a outras mulheres para construir este pensar, buscando visibilidade para o nosso fazer na arte e no teatro. Quando escolhi trabalhar com um grupo formado só por mulheres em *Encantações* e estando grávida, porque deveria me referir às nossas práticas como *Treinamento do Ator*? Não experienciei o treinamento da mesma forma, tive que colocar atenção sobre

5 O mito-guia é a narrativa que se cria em Mitodologia em Arte, conceito de Luciana Lyra: “Mitodologia em Arte, um complexo, que parte do si mesmo (o artista) para galgar o outro (a comunidade), que propõe uma arte de existência, destacando-a num patamar não só estético, mas ontológico, capaz de investigar a natureza do agir e dos modos de ser do artista, de desvelar suas potencialidades mais altas.” (LYRA, 2014, p.177)

6 Júlia Varley é atriz e mestra em teatro. Atua no Odin Teatret, e em vários projetos ligados ao grupo intercultural com sede na Dinamarca. É também uma das principais realizadoras da rede de mulheres no Teatro The Magdalena Project.

o que eu podia ou não fazer estando grávida, estudar como eu agia para poder acessar as potências trabalhadas em determinadas práticas. Escutar o corpo. Tive a percepção de que no trabalho, sobre si e em relação com a outra, estávamos mais entregues estando entre mulheres, talvez pela confiança em relação à exposição, ao toque e pelos temas que trazíamos serem aceitos, compreendidos, os acontecimentos já terem sido vivenciados por outras. Dávamos importância e espaço as nossas questões. Havia uma relação mais horizontal de escolhas sobre o roteiro, sobre os processos e exercitávamos as proposições de uma e outra. Mas experimentamos tensões ao nos colocarmos na rua, o que representávamos enquanto ocupávamos as margens do Rio Caí, na comunidade ribeirinha de Montenegro? Cantando canções, recolhendo objetos pelo chão, traçando movimentos pelo espaço, comendo na calçada, rindo e gritando. Pergunto-me quais cicatrizes e bloqueios, na vida e no exercício da arte, os corpos de mulheres tem que enfrentar frente a toda censura, a sexualização, ao corpo estampado, recortado, vendido e desenhado pelo masculino.

Essa tomada de posição e reivindicações primeiramente levantadas pelo feminismo são cada vez mais provocadas por diretoras, atrizes, teatrólogas, que falam em relação às questões de gênero, reconstruindo, por exemplo, a história da mulher no teatro que sempre existiu ativamente, só foi silenciada e escondida. Quem foram as mulheres do teatro brasileiro? Quem foram Maria Benedita de Queiros Montenegro, Eugênia Câmara, Adelaide Amaral, Estela Sezefreda, Ismênia dos Santos, Maria Clara Machado, Chiquinha Gonzaga?

Escrevendo sobre o trabalho da atuadora Tânia Farias⁷, em um artigo do caderno *Desmontagem* disponibilizado pelo grupo Terreira da Tribo, Letícia Virtuoso atenta para a importância das protagonistas femininas para as atrizes no teatro no Rio Grande do Sul. Ela explica que o processo de Tânia na desmontagem *Evocando os Mortos – Poéticas da Experiência*, enquanto compõe suas figuras, é tecido por suas lutas, sua atuação política, suas expressões. No artigo, Letícia fala sobre o porquê Júlia Varley defende o termo *trabalho da atriz*, ela:

(...) afirma a importância de falarmos do teatro da atriz como trabalho da atriz, e não do ator, para que as mulheres, como mulheres, assinem seu trabalho ultrapassando as barreiras que a língua impõe. Diz que a atriz realiza ações, e ações tem o poder de mudar e transformar, afetar o mundo. Já o fazemos. As mulheres não são mais apenas facilitadoras de condições para que os homens criem, mas sim artistas, completas, complexas, criadoras, autoras e escritoras da mudança política e social. É hora de rompermos os instrumentos do nosso cativeiro, de rompermos com a sociedade patriarcal e construirmos história com as nossas palavras (VIRTUOSO, 2013, p.8,9).

A figura 2 é um registro de *performance* da multiartista Amanda Palmer⁸. Querendo criar a partir de seu corpo grávido de oito meses, ela criou uma plataforma onde incentivou que as pessoas trouxessem para doação livros infantis, enquanto ela fazia uma estátua viva em frente à biblioteca pública de Nova York. Seu corpo foi pintado, a metade direita, segurando uma espada, como se fosse uma estátua de bronze e a metade esquerda sua anatomia, seus músculos, ossos e seu feto, com essa mão segurava um *ukulele*. Buscando sobre artistas de teatro e performance que levaram a gravidez para a cena, descubro Palmer. Os elementos que ela traz em sua performance, a espada, a gravidez, os livros, o instrumento, me fazem pensar o quanto nós ainda temos que resistir por nossos corpos, por nossas crianças, nossa educação, pelo direito de fazer arte. E também, o quanto a arte e o conhecimento nos fortalecem

7 Tânia Farias e Letícia Virtuoso são atuadoras do grupo Ôi Nós Aqui Traveis, grupo de pesquisa e atuação residente em Porto Alegre, RS.

8 Mais informações sobre esta performance no site da artista: <http://amandapalmer.net/truth-and-consequences/>

nestas lutas, como um círculo que se encoraja. Recordo também a organização que mães e deputadas têm feito na cidade de Pelotas, onde vivo atualmente, para tornar as violências obstétricas crime, o quanto esse exercício sobre a maternidade me levou a materiais que falavam sobre parto, a informações sobre essas violências, sobre a ginecologia ser historicamente sexista, sobre cesáreas serem marcadas pelo médico sem dar escolha de um parto normal à mãe, sobre posições físicas que favorecem o parto e uma série de outros conhecimentos compartilhados entre mulheres.



Figura 2: Amanda Palmer "Truth and Consequences", "Verdade e Consequências", 20 de Agosto de 2016. Fonte: <http://amandapalmer.net/truth-and-consequences/> (Em: 25/10/2018)

Desejando continuar esse movimento de desvelo sobre a imagem da mãe, e sobre a voz no *Treinamento da Atriz*, ingresso como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Artes-Visuais na Universidade Federal de Pelotas, na cadeira de *Desenho do Corpo, o Corpo que Desenha*⁹. Já com minha filha Araúna com quatro meses e, no processo de amamentação, começo a frequentar o espaço da universidade levando-a para dentro da sala de aula. Começam aí novos enfrentamentos. Flavia Gripp Ribeiro problematiza a conciliação da vida acadêmica com a vida social das mulheres, estudando essa relação nas mães estudantes de Serviço Social com filhos de 0 a 12 anos de idade, apontando a necessidade das políticas públicas para estudantes brasileiras em sua monografia *Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB*. Flavia traz alguns dados que afirmam que o perfil dos estudantes universitários está mudando:

Em 2010, o percentual de mulheres - de diferentes faixas etárias - no ensino superior, era maior do que o dos homens e, segundo dados do Censo 2000 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 8,81% de mulheres com idades entre 19 e 29 anos que cursam o ensino superior, são mães de filhos com idade entre 0 e 4 anos. (RIBEIRO, 2016, p.11)

Amamentar minha filha e leva-la para dentro do espaço universitário me traz algumas percepções: somos acolhidas pela turma e professores, mas muitas vezes sinto-me desconfortável pela outra relação de atenção que se instaura em sala quando eu estou com Araúna, quando ela fala, ri, chora ou brinca; noto também que sou a única a transitar pelos corredores com uma criança, mesmo sabendo que existem outros pais; em minha turma há mais mulheres do que homens e quando o assunto maternidade é discutido descubro que várias são mães e tem distintas experiências em relação à maternidade e ao espaço universitário; a maioria delas nunca trouxe ou teve vergonha de trazer o filho para universidade. É difícil pensar em produzir e amamentar, é estranho e sinto falta quando assisto à aula sem Araúna, ainda fico preocupada e com o pensamento dividido. Minhas blusas têm manchas de leites nos seios, meus seios ficam a mostra enquanto amamento, as vezes minha barriga também.

Convidada a pensar sobre o Corpo, me alio a outra colega, Alice Braz, que é mãe de duas crianças, para pensarmos um exercício em arte que levante questões sobre a maternidade, em seus fazeres, em relação à academia, nos seus afetos.

Coorpomãe

Como primeiro passo para reconhecer-nos, fizemos este desenho sobre as questões que queríamos trazer. A partir dessas palavras pensamos em gravar áudios de algumas mulheres do nosso círculo. Apoiadas nos áudios recolhidos, pensamos em imagens de nós dentro da universidade, com nossos filhos, misturando cotidianos, experimentando essas vozes de mulheres em fricção com as nossas imagens, criando pequenas narrativas a partir desses encontros para a criação de um vídeo¹⁰.

Construo no seguir destas folhas, pensamentos a partir do olhar sobre esta produção audiovisual, talvez uma possível dramaturgia, crio um novo texto, não uma descrição, mas um novo *agenciar*¹¹, porque, assim como as provoco, me escapam as conexões:

⁹ Disciplina do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ministrada pela Profa. Dra. Nádia Senna e Prof.Dr.Thiago Amorim.

¹⁰ Tivemos ajuda nesta produção de Rodrigo da Rocha dos Santos, nas filmagens e edição.

¹¹ Agenciamento: noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquina, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do incompetente, o agendamento e concebido para substituir o

mil vezes pela tarefa do cuidar de uma criança, choros, virose, fraldas sujas, blusa com pedaços de banana, caretas e cheirinhos, carinhos e uma vontade desgraçada de morder. Carimbado mil vezes, minha memória anda pregando peças. Por aqui, pego emprestado da atriz, encenadora e pesquisadora de teatro com enfoque feminista, Tefa Polidoro, a inspiração na economista brasileira Rose Maria Muraro, para reivindicar na escrita acadêmica a subjetividade feminina, “como busca de desmistificar a ilusão de controle total sobre o que está sendo tratado, que a forma objetiva de escrita (que segundo a autora, é característica da abordagem masculina) oferece”. (POLIDORO, 2016, p.25)

Figura 4: Alice sobe ao palco. Fonte: acervo pessoal, frame do Audiovisual Corpormãe.

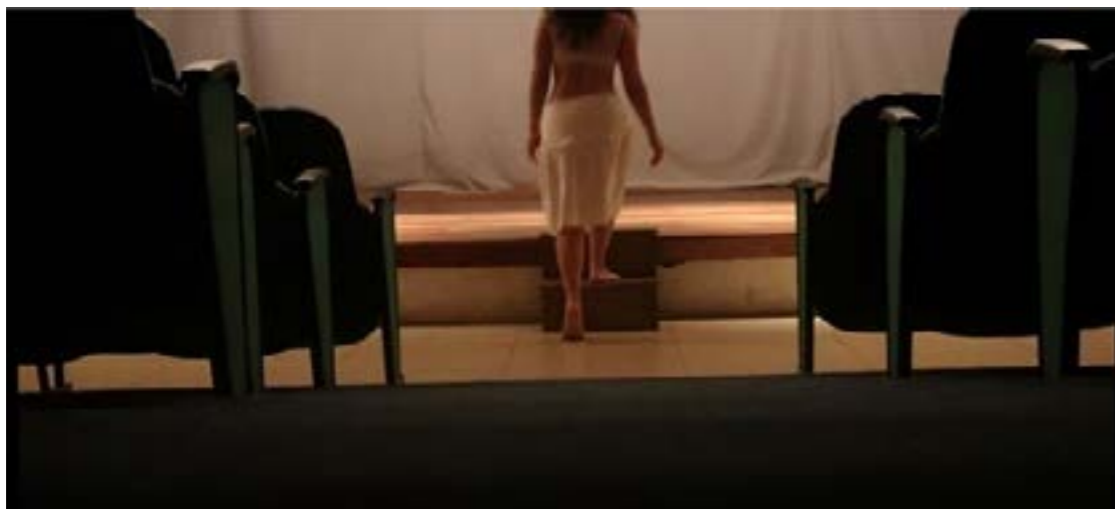


FIGURA 5: EMBARAÇO. FONTE: ACERVO PESSOAL, FRAME DO AUDIOVISUAL Corpormãe.



00:02:24

Subo escadas. Subo escadas com um bebê no colo. No prédio em que eu estudo não existe um trocador. As pessoas passam por nós, por Araúna, e fazem expressões, soltam gritinhos e sons de aprovação. Eu só queria ir ao banheiro, mas não tenho ninguém que segure essa criança. Subo as escadas com as pernas apertadas. Subo e a bebê perde os sapatos, perde o brinquedo. Volto. Encontro.

Alice espera sentada nos bancos do teatro, dança sobre as cadeiras. Na imagem se vê: Eu entrego minha criança para ela para que eu possa ler, leio. Ela me traz minha filha e leva meu livro. Eu espero. Ela senta do meu lado e abre o livro para nós duas, mas Araúna quer o livro, então brincamos com ela para que se distraia. Vamos embora.

Nós duas, Alice e eu, também somos responsáveis pelo sustento e cuidado da casa. Muitas de nós não temos com quem deixar nossas crianças para trabalharmos e estudarmos. Essas questões de qualidade de tempo e dedicação para cada tarefa geram bastantes questionamentos, culpabilidade, ansiedade. Percebo que as mães em busca de seus desejos, com sua rede de apoio, ou nenhuma, e sua condição social, fazem diferentes e recorrentes movimentos, como uma ação de malabarismo. Como afirma Ribeiro (2016):

A formação familiar de cada mulher que é mãe e estudante influencia diretamente no grau de dificuldade que a mesma encontra em conciliar seus estudos com sua vida materna. Sabe-se que o número de mulheres mães e chefes de família é crescente e destacar suas duplas ou triplas jornadas é tarefa extremamente pertinente ao tema, pois não se pode desvincular sua carga de trabalho formal/informal e doméstico, bem como financeiro e social de sua trajetória acadêmica. (RIBEIRO, 2016, p.11)

[Mas assim, em questão de faculdade bem, a gente vai lidando, tem coisa que a gente tem que abrir mão]. As conquistas que já ganhamos enquanto mulheres e mães estão sempre ameaçadas pelas imagens normatizantes, pela opressão, dominação e pela moral de uma cultura misógina. O vídeo é alterado, o tempo é rápido, corre como o crescimento do bebê, como a criança pelos corredores, como a mãe em seus afazeres. Sozinhas em nossa casa estamos soterradas, o relógio sela. Eu leio os textos para este escrito com Araúna no colo, de pé. Embalando, eles têm gosto mareado, como esta cidade que têm mar, mas não é mar.



Figura 6: Subo as escadas da universidade com minha filha no colo. Fonte: acervo pessoal, frame do Audiovisual Corpormãe.

Corto o tempo com o corpo, arranco todos ponteiros. Será que estamos criando possibilidades de escutar e construir conhecimento junto com as mães? Nossas vivências afetivas, emocionais, capacidades de cuidado, que são desenvolvidas quando se cuida de uma criança, por exemplo, estão sendo vistas, escutadas, discutidas? E quais ações podemos criar para que essas discussões e pensamentos ultrapassem a academia e tomem o ambiente doméstico? Denise Bernuzzi de Sant’Anna no capítulo *Passagens para condutas Éticas na Vida Cotidiana*, do livro *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea aguça* os esses questionamentos quando propõe uma Ética Respeitosa das *Conexões*, uma ressonância vital entre a intimidade de si próprio e a do mundo, “capaz de reforçar as passagens entre autonomia pessoal e vínculo social, entre as condutas do aqui-agora, e as de outras épocas, que antecedem nossa existência ou que a ultrapassam.” (SANT’ANNA, 2001,p.87). Para a autora, entendendo-se, mas principalmente agindo nesta ressonância ética estaríamos mais sensíveis aos processos uns dos outros, carregariamos menos julgamentos, discriminação, culpa. Por isso, falar e exercer a maternidade, o *maternar*, na arte e

na academia, pede um pensamento urgente e uma postura atuante, insistente e ao mesmo tempo coletiva, que possibilite conexões duradouras. Abrimos espaço para sutilizar essas relações?

00:03:10

Alice e seus dois filhos caminham comigo e Araúna pelo jardim. A voz de uma senhora fala: [acho que ser mãe é a melhor coisa que tem, o filho da gente é o filho da gente. Que a gente não é a dona, mas é uma coisa que saiu da gente, é um pedaço que a gente divide com outras pessoas, mas se pudesse não dividiria] É a avó de Alice. – Concordo com a senhora! É essa a sensação, a cabeça não para, eu “divido” minha filha quando ela fica com outras pessoas para que eu possa ler, por exemplo, e também me divido, paro de ler quando escuto um choro que às vezes é só minha imaginação.

00:03:41

[O pessoal sempre gosta muito quando eu levo ele para a aula, e é sofrido porque ele faz barulho, ele faz bagunça, ele corre, ele grita]. A filha de Alice brinca no balanço e seu filho segura a meu bebê, sentados em um banquinho feito de pneu. Tudo parece calmo nesse embalo. Nós somos o quadro de Renoir para essas pessoas? Eu pauso as imagens do vídeo.



Figura 7: Encontros de famílias. Pequenas dobras. Fonte: acervo pessoal, frame do Audiovisual Corpomãe.

00:04:50

Voltamos para gravar em outro dia no prédio do centro de artes. Seios nus. Eu mulher, seios amamentando. Tocar-se. Colocar o seio a mostra. Amamentar em público, em prédio público.[O corpo é outro, o corpo é outro]. [o ambiente, ele não é favorável para esse reconhecimento do corpo...e não é a toa que muitas mulheres tem depressão pós parto e isso é totalmente negado e escondido pela romantização da maternidade. Ai que lindo tem um bebê, e aí tu não pode dizer que tu não está achando lindo ter um bebê, que tu tá achando uma merda ter uma criança, porque todo mundo vem e diz, ai que lindo, que amor, e tu te sente tão culpada por pensa que é uma merda, que tu tá achando uma merda, que tu não consegue falar, tu não consegue falar pras pessoas, olha só eu preciso de ajuda porque eu tô pirando] Ser mãe faz a gente perder esse farol que guia o barco no oceano. Gostaria de falar sobre as tempestades e também sobre as lindas imagens desse deserto azul.

Silvana Barbosa Macêdo traz a artista Eti Wade que fala sobre essa imagem

romantizada das mães, ela escreve o manifesto *Mother Artist Statement* e sobre essa imagem supérflua e otimista:

Wade ressalta que o que falta muitas vezes nestas formas dominantes de representação, são aspectos conflituosos da maternidade, como a “perda da independência financeira, perda do espaço e tempo individual, perda de status e extremas restrições de liberdade além das mudanças no corpo; muitas vezes cicatrizes irreparáveis e traumas físicos.” (WADE, 2013 apud MACÊDO, 2017, p.12).

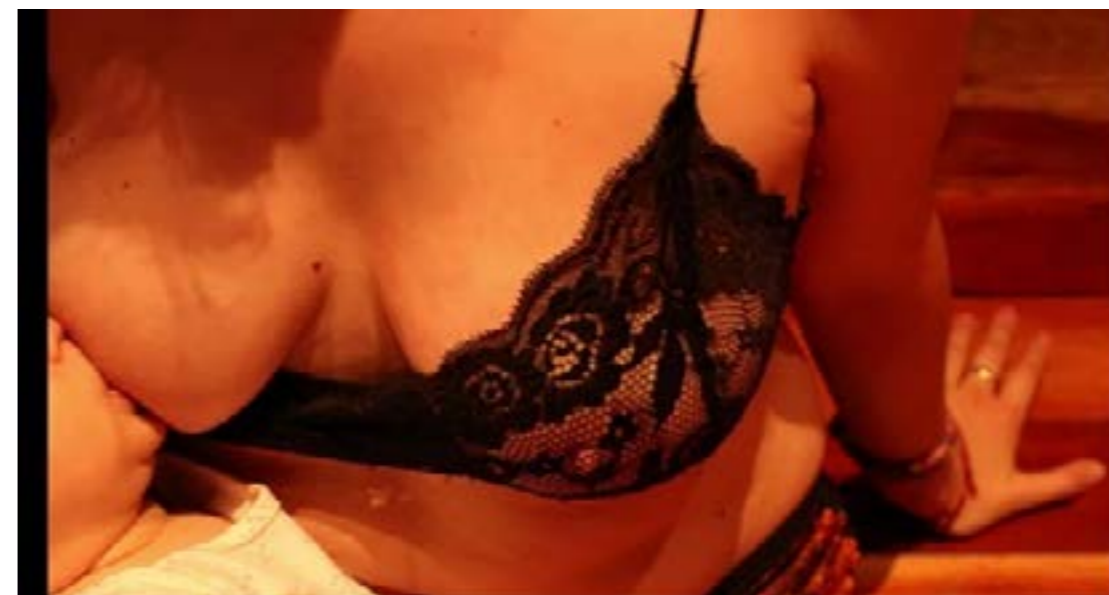


Figura 8: Amamentar. Fonte: acervo pessoal, frame do Audiovisual Corpomãe.

00:06:08

[e a culpa é muito grande]

No palco do auditório, com Araúna no chão, danço em relação a ela a dança dos ventos¹³, ensinada pela mestra Tatiana Cardoso nas aulas da graduação. Vou ao chão, exausta, encosto minha cabeça nela que agarra meus cabelos. [o se tornar mãe, eu me tornei mãe na troca de olhares]. [o processo de voltar pra mim foi muito fragmentado, que se eu pensar assim que momento eu me considere eu no campo de identidade foi quando eu voltei a estudar, entrei pra faculdade, voltei a dançar]. Danço e resgato ações do meu treinamento enquanto atriz. É outra vez o eu e a cena que se borram, é a imagem simbólica que pode representar a minha escolha de levar a maternidade para o meu trabalho enquanto atriz, ou também as relações que as artistas estabelecem com “voltar a estar em cena” depois de tornarem-se mães, ou como estar grávida em cena. Esse ato é para mim, ritual de iniciação ou quase uma desculpa para voltar a experimentar-me no treinamento.

Foi divertido ver como meu corpo se organizava, um novo equilíbrio era preciso, mas o fôlego é mais curto e o cansaço chega mais rápido. O que eu vejo nesse sentimento que se repete na fala de minhas companheiras? Porque como atriz eu nunca pensara nessas questões? Tomando como estratégia de combate as invisibilidades, trago a reflexão de Tefa Polidoro sobre esse olhar atento:

A visibilidade está ligada aquilo ou àquele que percebo, que reconheço, e que de alguma forma julgo semelhante a mim, ou igual. Ao tornar visível aquele

¹³ Dança ritmada de passo ternário que trabalha a partir da conexão com a respiração. Esta dança foi criada pelo grupo internacional Ponte dos Ventos, dirigido por Iben Nagel Rasmussen, atriz do Odin Teatret.

que me contempla, eu acabo tornando-me visível também. Em contraponto, a situação de não me reconhecer no outro, por não considerar um par meu, pode gerar o preconceito, a exclusão, a invisibilidade. (...) O ato de invisibilizar pode ser visto como uma tática utilizada para o fortalecimento dos estabelecidos, porque ao tornar inexistente o que não os representam, exaltam a hegemonia de suas próprias normas, de sua identidade, daquilo que são. Eles existem, e o que difere não (POLIDORO, 2016, p.40).



Figura 9: 3 frames sobre o Trabalho da Atriz. Fonte: acervo pessoal, frames do Audiovisual *Corpomãe*.

00:08:16

Olho minha organização corporal nos frames e posso sentir a falta de conexão com o solo, pés frágeis, dor nas costas. Não quero mais ver minhas cenas. Não treinar constantemente me faz ter a sensação de perder sutilezas e a certeza de sempre ter de estudar. Mas as imagens também mostram as infinitas composições desses dois corpos de mulheres, agarrando-se, apoiando-se. Saio do palco com minha criança no colo em direção à porta de saída, as luzes se apagam, mas não termina.

[definir a maternidade em uma palavra, tu quer acabar comigo Alice? Não, eu posso dançar pra ti, mas aí tu vai ter que estender esse gravador. Eu vou te dizer assim: Nada define, a não ser meu próprio corpo]

Atravessamentos

Desta reflexão emergem duas imagens em tensão, forjadas por uma organização social patriarcal: A mãe derrotada, cinco filhos, sem alternativas, sem ação, arrependida de ter um sexo. E do outro lado à maternidade romântica, com uma posta de que o amor incondicional por sua família te dá os superpoderes de chegar do emprego e ainda cuidar (levemente) da casa e da família, comendo integrais e tomando *light* para ter um corpo perfeito. Com uma mistura de vida facilitada, possibilitada pelo consumo, transfere responsabilidades, por exemplo, para o médico que decide a hora e o dia do parto, ou deixando os filhos com a empregada de avental que estende as roupas mais brancas pelo novo componente do sabão em pó. As cenas descritas acima são tipificadas, mas elas continuam construindo imaginários e personagens nas representações. Somadas a essas duas personagens, duas máscaras, surgem questões em relação às dificuldades de artistas e estudantes que me deixam inquietações para além do que pude pesquisar até o momento: Quais são as condições da maternidade para professoras-artistas e pesquisadoras em arte? Quais são as políticas públicas que apoiam as mães universitárias? Como identificamos e modificamos a estrutura patriarcal dentro da universidade para que a maternidade não represente um aprisionamento ou isolamento das mães?



Figura 10: *El-Nacimiento-de-mi-Hija*. Fotografia de Ana Alvarez Errecalde. Fonte: <https://alvarezrecalde.com/portfolio/el-nacimiento-de-mi-hija/> (Em: 02/10/2018)

Apenas quando me tornei mãe busquei referências de mulheres na arte que tratam sobre o assunto, artistas que exploram a experiência materna para além da imagem romantizada ou fracassada. E encontrei essas artistas não sem esforço. Isso mostra como o tema ainda é urgente para a construção de novas concepções da maternidade e que será preciso criar uma cultura de identificação com essas novas maternidades. Acredito que uma posição de gênero tomada pelas artistas em relação ao seu trabalho pode modificar essa cultura. As artes da cena podem ser ferramenta política para desestabilizar esses lugares que, nos dois casos, relegam o corpo feminino a uma visão masculinizada e estruturante. Na mídia, em relação à criação de filhos por exemplo, existem muitas imagens em que à mulher é colocada no papel do cuidado, do amor e para o homem o papel da força e sustento. No teatro, podemos encontrar possibilidade de trocar estes papéis? Levanto ainda sobre o meu trabalho as seguintes questões: De que maneira posso trazer para o treinamento vocal e para a atuação a maternagem como potência? Como minha arte colabora para o pensamento crítico e desloca a imagem materna?

Sigo pegadas de sangue, silêncios e silenciamentos, canções na madrugada, acalento, chorinho, gritos, febres, longos abraços, primeiras vezes, equilíbrios e desequilíbrios, rugas e linhas das mãos, linhas do pés, linha nigra, enjôos, desejos.

Referências Bibliográficas

KASTRUP, Virgínia. *O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo*. Psicologia & Sociedade, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. v.1,n19, p.15 – 22, janeiro/abril;

LYRA, Luciana de Fatima Rocha Pereira de. *Artenografia e mitologia em arte: práticas de fomento ao Ator de f(r)icção*. Urdimento, 2014. v.1, n.22, p.167 – 180, julho;

MACÊDO, Silvana Barbosa Macêdo. *A Expressão do Poder Materno na Arte Contemporânea*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2017;

POLIDORO, Stefanie Liz. *Pílula da Visibilidade: Maria Scariot Presente! O processo criativo e feminista de Due Lati Della Campana*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Teatro. Florianópolis, 2016;

RIBEIRO, Flavia Gripp. *Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB*. Monografia - Universidade de Brasília (UNB), Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Serviço Social. Brasília, 2016;

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental*, Transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989;

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001;

VIRTUOSO, Leticia. *Sobre Poéticas da Experiência e o Trabalho da Atriz*. In: TERREIRA DA TRIBO (org.) *Desmontagem*. Porto Alegre, 2013.